

I

COLAÇOS

De Vilar de Andorinho

II

MONTEIROS

Das Aldas

III

MASCARENHAS

MALAFAIAS

*Ramificações de
Vilar de Andorinho*

Prefácio



REVELADORA DE MUITA E ATURADA PESQUISA, a obra de Daniel de Sousa - *“Colaços, Monteiros e Mascarenhas Malaíaias: Dos Açougues do Porto ao Sólido Patriarcal Lisbonense; O percurso de três famílias portuenses”* - não poderia deixar indiferente um gaiense de vários costados.

O - já de si - extenso título da obra não faz inteiramente justiça ao que ela contém, pois trata-se de um contributo importante para o concelho de Gaia, mais até do que para a cidade do Porto. Partindo de um homem de apelido Colaço que viveu no Século XVI e que o autor entendeu - e bem - apodar de *“Avô de Vilar de Andorinho”*, por ser antepassado de quase todas as velhas famílias de lavradores da freguesia, a obra deriva para fora de Gaia diversas vezes, mas quase sempre pontualmente.

Com preocupação de rigor e sem pretensão de provar nada à partida, esta obra fixa-se num conjunto de três famílias que, em sucessivas gerações, e em locais diferentes, ligam-se por apadrinhamento ou cruzam-se através de casamentos. Daí que tenha homogeneidade, sem deixar de procurar estabelecer ligações com outras obras e com outras genealogias, dentro da boa tradição

da Genealogia colaborativa. Aliás, o modo como foi escrito e organizado em capítulos deixa clara a intenção do autor em seguir o que tem sido mais comum nos trabalhos de Genealogia publicados em Portugal, com a divisão em títulos e o uso de numeração, para maior facilidade de consulta.

Em vários aspectos, as famílias analisadas por Daniel de Sousa tiveram uma história parecida com a de muitas outras. Porém, e sobretudo graças a indivíduos que mais se destacaram, foram construindo também a sua própria individualidade. Ambas as vertentes encontram-se nesta obra em adequado pé de igualdade, reforçando teses e convicções do passado quanto ao modo como as famílias iam estabelecendo a sua teia de influência e as suas alianças, mas ressaltando igualmente as excepções que confirmam a regra. Nesse sentido, é uma obra honesta no método e nos propósitos, além de útil mesmo para quem não tem antepassados nela mencionados, entre outros motivos por ajudar a contextualizar a história das famílias de Gaia e por, em última análise, contribuir para explicar partes da nossa história colectiva.

Esperamos que o autor nos traga mais estudos do género e, concretamente, mais estudos sobre famílias de Gaia - que não é dos concelhos mais afortunados em termos de quantidade de estudos genealógicos já publicados.

Gaia, 21 de Julho de 2020

FRANCISCO QUEIROZ

Doutor em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Apresentação



PRETENDEMOS, com este breve ensaio, traçar, de forma sumária, o percurso de três famílias estabelecidas no burgo portuense e no seu termo, desde, pelo menos, o longínquo século XVI, e várias vezes unidas pelo vínculo do matrimónio, pelo que, no nosso entender, não poderiam ser tratadas separadamente.

É um percurso semelhante ao de muitas outras famílias do mesmo período, com uma grande diversidade de pessoas, de ofícios e de estatutos sociais. Nelas se incluem marchantes e carneiros, lavradores, tanoeiros e oleiros, um rico mercador que, sob o signo de Mercúrio, se tornou senhor de uma grande fortuna no Brasil Colonial, um arquitecto italiano imortalizado no barroco granítico do Norte de Portugal, um mal biografado Patriarca de Lisboa e muita gente simples e humilde, que este ensaio pretende resgatar do esquecimento a que foram destinados pela morte.

Tivemos a preocupação de fazer referência, sempre que nos foi possível, a aspectos religiosos da vida de cada um dos biografados, como os sufrágios fúnebres e a vinculação a irmandades religiosas e ordens terceiras, ainda que

isso se possa tornar maçador para o leitor. Porém, entendemos que esses aspectos, que não podemos dissociar da identidade colectiva de então, são fundamentais para perceber a forma como estas pessoas, nos seus estratos sociais, viviam a religiosidade no nascer, no viver e no morrer.

Começaremos por tratar dos Colaços e dos Monteiros, que, por força de vínculos matrimoniais, formaram um clã familiar de marchantes e carneiros radicado no Porto, às Aldas, próximo dos Açougues, e também na cidade de Coimbra, em finais do século XVI e inícios do século XVII. Ramificaram e frutificaram depois a sul do Douro, em solo gaiense.

O estudo destes ramos familiares parece-nos útil para o entendimento da dinâmica económica cidade-campo no período e no espaço geográfico aqui compreendidos. A cidade - Porto e zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia – como centro de consumo (de carne, nomeadamente), e de produção industrial/artesanal (olaria e tanoaria), e o campo – zonas rurais periféricas - como centro de produção agrícola e pecuária.

Dá-nos, através da genealogia, um exemplo concreto de industrialização de um ofício artesanal - a olaria, com a evolução de uma oficina de carácter familiar para uma das mais conhecidas unidades fabris da cidade do Porto do seu tempo.

Mostra-nos, igualmente, um exemplo de sucesso alcançado no Brasil Colonial, com o qual o Porto e Gaia sempre tiveram uma estreita relação. Tivemos, por isso, uma especial preocupação com a recolha de informação biográfica sobre esse exemplo vivo (ainda que fisicamente morto) dessa relação transatlântica.

Tivemos igual preocupação no que se refere ao prelado gaiense, aqui tratado, que ocupou o sólio patriarcal lisbonense num período conturbado da história da Igreja e do país.

Contudo, a natureza deste ensaio não se coaduna com um estudo biográfico mais profundo e detalhado sobre essas duas figuras, pelo que esperamos que outros sigam esse caminho, trazendo à luz novas informações sobre as suas vidas.

Trataremos depois dos Mascarenhas Malafaia, família da pequena nobreza rural, oriunda do Vale do Ave e várias vezes unida ao clã supracitado, decaída socialmente com o transcorrer dos séculos XVII e XVIII. O linhagista Alão de Moraes dedicou-lhes um dos títulos da sua *Pedatura Lusitana*¹. Relativamente a estes, apenas trataremos de uma parte da descendência de Gaspar Godins Malafaia, radicada na zona sul do Termo do Porto. Não nos debruçaremos sobre a sua ascendência, por estar já a mesma estudada e publicada pelo Arq. Fernando Abrunhosa de Brito².

Por último, cumpre-nos agradecer ao Prof. Doutor Francisco Queiroz o generoso prefácio que escreveu para este trabalho, que muito nos honrou.

Mafra, Agosto de 2020

¹ MORAES, Cristóvão Alão de, “*Pedatura Lusitana*”, publicado por Alexandre António Pereira de Miranda Vasconcelos, António Augusto Ferreira da Cruz e Eugénio Eduardo Andréa da Cunha e Freitas, Livraria Fernando Machado, Porto, 1943-1948, Tomo V, Vol. II, págs. 315 e seguintes.

² Trabalho de Campo 39 – “*Comentário ao Testamento de Duarte Roiz*”, Porto, Outubro de 2016.